



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17207 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 09 - Currículo

A RACIONALIDADE NEOLIBERAL NAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

José Isaías Venera - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

A RACIONALIDADE NEOLIBERAL NAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

RESUMO:

Este trabalho analisa o discurso do *Manual de Implementação Escolar: Estratégias de Desenvolvimento Socioemocional*, divulgado em 2022, a partir do Programa Brasil na Escola, e que tem como função servir de guia para o trabalho com as chamadas competências socioemocionais. São cinco competências socioemocionais citadas: Autoconsciência; Autogestão; Consciência social; Habilidades de relacionamento; Tomada de decisão responsável. No entanto, essas competências socioemocionais não aparecem sistematizadas na BNCC e nem há um direcionamento epistemológico e didático filosófico. A partir desta primeira observação, temos como objetivo analisar o discurso em torno das competências socioemocionais, assim como as relações com institutos e organizações internacionais. O referencial teórico-metodológico é a análise do discurso a partir de Michel Foucault (1986) e o debate em torno da racionalidade neoliberal. O discurso inserido em uma relação de poder no qual torna possível todo o dizer e cujo efeito dobra-se sobre o sujeito, no processo de assujeitamento. Como considerações, verifica-se um alinhamento do discurso das competências com a noção de racionalidade neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Competências socioemocionais. Racionalidade neoliberal. Políticas educacionais.

O problema que se levanta neste trabalho são as práticas discursivas que relacionam o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com as

competências socioemocionais, em uma agenda internacional voltada à racionalidade neoliberal. Essa articulação não é novidade, mas ela se apresenta de forma mais evidente no *Manual de implementação escolar: estratégias e desenvolvimento socioemocional* (2022), desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022). No manual a BNCC contempla as competências socioemocionais; no entanto, no documento normativo aprovado em 2017, o enunciado “socioemocionais” aparece somente uma vez:

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC, 2018, p. 6).

Parte-se da hipótese de que a BNCC, documento homologado em 2017, no governo de Michel Temer (MDB), insere a política de currículo do Brasil numa racionalidade neoliberal cujo efeito é a produção de *homo oeconomicus*, capaz de se autocontrolar, autogovernar e auto empreender, constituindo-se em um empresário de si mesmo.

Na BNCC, o enunciado “competência” – e sua variação no plural (competências) – ganha destaque. Nas 470 páginas, aparecem 103 vezes e, em sua maioria, para reforçar as competências gerais e específicas. Nas dez competências gerais a partir das quais se estrutura o documento, destacam-se os verbos: valorizar; exercitar; utilizar; compreender; argumentar; conhecer; e agir. As ações são para os conhecimentos historicamente constituídos; às abordagens próprias das ciências; na fluência das diversas manifestações artísticas e culturais; nas diferentes linguagens (verbal, corporal, visual, sonora e digital); no uso e criação de tecnologias digitais; nas vivências culturais; na construção de argumentos com base em fatos, dados e informações; cuidar da saúde física e emocional; exercitar a empatia; agir com autonomia.

As duas últimas competências gerais da BNCC estão mais aliadas com as cinco competências socioemocionais que aparecem em documentos de institutos, organismos internacionais e produções do MEC.

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

Tornou-se corriqueiro falar de competências socioemocionais no ensino fundamental e médio. O termo passou a ter destaque no Brasil, sobretudo, após a aprovação da BNCC, em 2017, e por meio de documentos que referenciam a influência de uma organização internacional com sede nos EUA. Em 2022, o MEC publicou o Manual de implementação escolar: estratégias de desenvolvimento socioemocional, em que faz referência a *Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning* (Casel) como órgão que influenciou o desenvolvimento de uma política educacional no Brasil direcionada para as competências socioemocionais. No manual, a Casel é apresentada como uma organização “formada por grupos de pesquisadores voltada para a promoção da aprendizagem socioemocional baseada em evidências desde a Educação Infantil até o Ensino Médio” (Manual, 2022, s/p).

Nesse mesmo manual, a sistematização de cinco competências socioemocionais, desenvolvida pela “Casel e outros centros focados”, são apresentados: Autoconhecimento; Autogestão; Tomada responsável de decisão; Habilidades de relacionamento; Consciência social.

Em outra passagem do manual, as cinco competências são elaboradas nas habilidades: 1) Entender e gerenciar emoções; 2) Estabelecer e alcançar objetivos positivos; 3) Sentir e mostrar empatia pelos outros; 4) Estabelecer e manter relacionamentos positivos; 5) Fazer escolhas e tomar decisões responsáveis (Manual, 2022, s/p).

Ao apresentar os principais pontos, um chamou mais nossa atenção: “Competências socioemocionais são tão importantes quanto as cognitivas para prever sucesso futuro” (Manual, 2022, s/p). Tanto a sistematização da Casel quanto a sua reformulação no manual, a ênfase é para as habilidades cognitivas expressas no prefixo “auto” ou no significante consciente, assim como no termo “gerenciar”. A primeira habilidade reformulada dá o tom: “Entender e gerenciar emoções”. Ou seja, é preciso racionalizar e dar curso “positivo” às emoções; o que significa, em outras palavras, subjetivar o educando nas etapas de sua formação – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio – para aumentar seu “capital humano”. “Prever sucesso futuro” (Manual, 2022, s/p) é antecipar as etapas e dar curso à modulação da alma a fim de produzir um sujeito acomodado às exigências do mercado.

Esse debate na educação não é recente, Frigotto (2009) argumenta que as mudanças políticas e econômicas na segunda metade do século XX em diante culminaram na pedagogia das competências:

Uma pedagogia que apaga a memória de organização, de coletividade e também de direito ao trabalho. Como consequência, encobre as relações de poder e de classe na produção da desigualdade social e instaura o senso

comum da ideologia do capital humano e da pedagogia das competências, que colocam a educação e a qualificação como saída ao desemprego ou subemprego e à pobreza (Frigotto, 2009, p. 75).

As competências para desenvolver são aquelas que mobilizam o sujeito a somar na “ideologia do capital humano”. Na perspectiva epistemológica deste trabalho, ao invés de ideologia do capital humano, chamemos de racionalidade neoliberal. O que interessa nesse momento é que há uma longa discussão no campo da educação, seja na teoria crítica ou nos estudos pós-estruturalistas que relacionam a pedagogia das competências com a produção do “capital humano” à serviço dos interesses de mercado.

Nas pesquisas educacionais com ênfase em Michel Foucault, Gallo (2017) destaca, em entrevista concedida à Revista do Instituto Humanitas Unisinos, que:

aquilo que na versão anterior era denominado como “Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento”, denotando uma certa visão político-social (as escolas devem ensinar aquilo a que, por direito, todo cidadão brasileiro deve ter acesso), passou a ser apresentado como “Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular”. Ainda que no âmbito da Educação Infantil a estrutura siga a mesma, no âmbito do Ensino Fundamental a alteração estrutural foi clara (Gallo, 2017, s/p).

O que Gallo (2017) enuncia são as relações de poder que orbitam no deslocamento dos “Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento” para as “Competências Gerais”, que aconteceram após o golpe político-jurídico-empresarial à presidenta Dilma Rousseff em 2016.

Com a mudança de governo de 2016, mudanças significativas aconteceram no Ministério de Educação e o mesmo grupo político que dominou a construção das políticas públicas de educação durante o governo FHC voltou a dar as cartas no Ministério, retomando sua concepção e seu projeto depois de quase vinte anos (Gallo, 2017, s/p).

As políticas neoliberais no Brasil começaram em meados dos anos de 1990, no governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), período posterior ao seu início, em âmbito internacional, anos de 1970 e 1980. A observação de Gallo (2017) indica um retorno às políticas neoliberais da educação após os dois mandatos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2011) e da interrupção do segundo mandato de Dilma Rousseff (2011 a 2016). É nesses deslocamentos discursivos e nas relações de poder que emergem a especificidade do sentido de competências

e, mais especificamente, competências socioemocionais.

Por isso, a análise do discurso foucaultiana não tem como função desvelar uma realidade, mas, bem diferente, o discurso evidencia práticas concretas, as lutas que são travadas, as disputas estabelecidas e a partir das quais o sentido emerge produzindo um determinado objeto; neste caso, as “competências socioemocionais”.

Busca-se, assim, mostrar que há um alinhamento das competências socioemocionais com a racionalidade neoliberal e a produção de sujeitos competentes na gestão de si mesmos. O aprendizado dessas competências qualificaria o “capital humano”.

No manual produzido pelo MEC, entre os três principais pontos das competências socioemocionais, o segundo enunciado dá a letra da formação discursiva em pauta: “Competências socioemocionais são ensináveis e a escola é um espaço ideal para esse aprendizado” (Manual, 2022, s/p). Selecionamos uma competência que vai diretamente ao encontro do “capital humano”: Autogestão. No verbete:

Capacidade para gerenciar de forma eficiente as emoções, pensamentos e comportamentos em diferentes situações e contextos e para atingir objetivos e aspirações.

Isso inclui: controle de impulsos, a capacidade de adiar recompensas, saber administrar o estresse e sentir motivação para seguir objetivos pessoais e coletivos (Manual, 2022, s/p).

Todo o enunciado segue em uma posituação das emoções. O desafio é gerenciar com eficiências as emoções, controlando, entre outras, situações de estresse. A pedagogia da competência, como mostrou Frigotto (2009), encobre as desigualdades nas relações sociais, levando, como vimos no enunciado do manual, situações de estresse sendo interpretadas apenas como uma questão de controle das emoções.

O que há a mais no enunciado? Aqui a repetição nos ajuda: “Isso inclui: controle de impulsos, a capacidade de adiar recompensas, saber administrar o estresse e sentir motivação para seguir objetivos pessoais e coletivos” (Manual, 2022, s/p). Esse a mais é o que vincula o enunciado à formação discursiva: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva (Foucault, 1986, p.135). “Gerenciar emoções” e “alcançar objetivos positivos” são apenas dois dos enunciados que visam produzir, pela educação, sujeitos com competências para atender às demandas de uma

sociedade neoliberal. Se o estresse pode ser simplesmente resolvido com o controle das emoções, retirando o contexto de sua causa, há ainda no enunciado um outro que remete à contenção das expectativas: “a capacidade de adiar expectativas” (Manual, 2022, s/p). Além de resolver o estresse com o controle das emoções, não se deve frustrar ou desenvolver ansiedade se as expectativas de sucesso não forem alcançadas. A solução para os problemas empresariais de si é a educação via competências socioemocionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desta reflexão procuramos mostrar que o discurso das competências socioemocionais está alinhado a uma racionalidade que governa o mundo, tanto em relação aos governos quanto os governados (Dardot; Laval, 2016). Nesse alinhamento, a escola funciona como um dispositivo, uma “rede que se pode tecer entre estes elementos” (Foucault, 1979, p. 244), neste caso, na produção de sujeitos aptos a desempenhar seu papel na nova ordem econômica, marcado pela autogestão, constituindo-se, no final da formação educacional, em empresários de si mesmo.

É preciso ainda assinalar que o sujeito “capaz de agir com autonomia” não tem relação com o sujeito autônomo proposto pela pedagogia crítica, mas, bem ao contrário, é este que se confunde com o gestor de si mesmo, cujo sucesso está alienado ao desempenho esperado pela racionalidade neoliberal. Ao fim e ao cabo, o sujeito neoliberal é aquele subjetivado a atender às demandas do mercado positivamente, mas isto não acontece sem pagar um preço.

As competências socioemocionais estão na ordem do dia para a modelagem desse novo sujeito, do desempenho. Assim, uma teia de enunciados em torno das competências socioemocionais integra à formação discursiva que marca a racionalidade neoliberal. Enquanto política educacional, temos em curso uma modulação do *homo oeconomicus* neoliberal.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Teoria e práxis e o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas. **Trabalho, Educação e Saúde**, vol. 7, núm. 1, septiembre, 2009, pp. 67-82. Ver: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000400004>. Acesso em: 26 jul. 2023.

Manual de implementação escolar: Estratégias de Desenvolvimento Socioemocional. Ministério da Educação, 2022.